

Educar com Freire: uma prática utópica

Maria do Rosário Silveira Porto

Ivan Fortunato

N

o ano passado (2021) celebramos o centenário do nascimento de Paulo Freire, o patrono da educação brasileira. Pelo país afora, diversos eventos (acadêmicos ou não) e publicação de livros, revistas e periódicos foram (e têm sido) dedicados ao educador. Não poderíamos ficar de fora! Mesmo assim, surgem dúvidas do tipo: por que celebrar o natalício de uma pessoa que faleceu há anos? Por que dedicar tanta energia escrevendo e falando sobre Paulo Freire? O que há de tão importante na sua história de vida que faz com que seu

MARIA DO ROSÁRIO SILVEIRA PORTO

é professora aposentada da Faculdade de Educação da USP.

IVAN FORTUNATO é professor do IFSP/Itapetininga e do PPGEd/UFSCar/Sorocaba.

legado seja tão notório? Por que é nosso dever homenageá-lo?

Pois bem, longe de nos debruçarmos sobre seus escritos, de seus sucessores e de tantos estudiosos que se empenham nessa tarefa, nosso objetivo é o de desenvolver uma homenagem por meio de um agradecimento. Nossa pergunta-guia passa a ser, portanto, “por que devemos agradecer a Paulo Freire?”. Nosso reconhecimento toca diretamente naquilo que lhe rendeu a alcunha de “Andarilho da Utopia”, pois, não importa onde estivesse ou aonde fosse, carregava consigo a esperança de poder transformar as mais distintas realidades, vividas em lugares melhores – sempre por meio da educação!

Esclarecemos, então, o que entendemos por utopia: no dicionário – indivíduo, lugar ou estado ideal, de completa harmonia e felicidade. Uma sociedade justa, onde domina o bem-estar coletivo. A utopia faz parte da existência e da liberdade, na medida em que pode superar a situação atual, romper com a ordem existente e trabalhar com a transformação social, exercendo, portanto, uma função *subversiva*. Para nós, a utopia é aquela luz no horizonte que a gente se esforça para alcançar, difícil, mas não impossível. Mobiliza a ação das pessoas, dá força, foco e fé, e sobretudo esperança. Como se diz por aí: o difícil a gente faz agora. O impossível demora um pouco mais. Essa é a utopia.

Paulo Freire dizia que a educação tem a ver com a realização de sonhos possíveis, tornando-se uma utopia

“[...] no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio, entre a denúncia de uma sociedade injusta e espoliadora e o

anúncio do sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja menos espoliadora, do ponto de vista das grandes massas populares que estão constituindo as classes sociais dominadas” (Freire, 1982, p. 99).

Ou seja, a utopia estava ligada à sua crença política de transformação social. É exatamente essa dimensão do sonho e da utopia, esses sentimentos, que o discurso pedagógico de Paulo Freire desperta nos seus leitores e ouvintes, talvez até mais do que as suas considerações de ordem teórica, embora estas sejam igualmente importantes.

Entretanto, Paulo Freire não queria usar um discurso duro, racional, frio para passar para as pessoas no que ele acreditava. Vejam o que ele dizia a respeito:

“A paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminui o compromisso com que denuncio ou anuncio. Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com o meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também” (Freire, 1995, p. 18).

Na verdade, só é possível fazer uma leitura acurada de sua obra se convocarmos razão e imaginação, senão vamos ter um Paulo Freire pela metade. E aqui abrimos parênteses, para que se possa entender bem o fascínio que Paulo Freire exercia sobre as pessoas.

Como bem relatado por Maria Cecília Sanchez Teixeira (2000), no livro *Discurso pedagógico, mito e ideologia*, Paulo Freire, principalmente nos anos 1990, era capaz de gerar manifestações públicas tipicamente reservadas a grandes ídolos do cinema, tele-

visão, música ou esportes. Havia se tornado um *mito*, causando comoção em professores e professoras da rede de ensino que se emocionavam ao conseguir receber um autógrafa, um abraço e uma fotografia... ou ao menos chegar próximo do educador.

É um fascínio que não se extinguiu com seu falecimento, conforme o ano passado (e este) evidencia: educadores e educadoras, em exercício ou não, querem ler, ouvir e falar de Paulo Freire. Afinal...

“Falar de Paulo Freire é evocar mananciais de lucidez. É descobrir torvelinhos de protesto justo e valoroso em favor da esquecida dignidade de toda pessoa. É referir-se a uma tenaz e serena vigília pela liberdade dos oprimidos, pela educação e pelo domínio de si mesmo. É reafirmar a convicção profunda de que todos devemos colaborar com a grande aventura do acesso ao conhecimento, do despertar do imenso e emblemático potencial criativo que habita cada ser humano” (Mayor, 1996, p. 17).

E quando falamos de Paulo Freire, falamos também de uma outra educação. Trata-se de uma educação que pode ser vista no chão das escolas, mas que é velada – quando não inibida – por um currículo padronizado e de índices acima da própria vida. Talvez aí esteja boa parte do encantamento por Paulo Freire, pois ele sempre colocava as pessoas e o que cada um poderia ensinar e aprender acima de qualquer regra geral imposta sobre o que se deveria lecionar. Isso está registrado em seus escritos e nos relatos de quem o acompanhou ao longo de sua jornada de educar, em suas andanças pelo Brasil e fora dele, carregando sempre a esperança da transformação.

Embora Paulo Freire militasse há algum tempo na rede de ensino, suas primeiras experiências com alfabetização de adultos, que resultaram no consagrado “Método Paulo Freire”, aconteceram em Angicos (RN), em 1963, onde organizou e dirigiu uma campanha de alfabetização. No governo João Goulart (1961-1964), foi coordenador do Programa Nacional de Alfabetização, extinto pelo governo militar em 1964. Com o advento da ditadura militar, o seu engajamento na política e no campo da educação, naquele momento, foi motivo mais que suficiente para que fosse exilado por largos anos, o que resultou em que, disseminando seu método no exterior, terminasse por ser conhecido – e respeitado – internacionalmente.

Naquele momento, o nível de analfabetismo era muito grande no país e Paulo Freire entendia que não poderia haver mudança na sociedade se as pessoas não dominassem os conteúdos curriculares mínimos. Sua proposta de ensino, então, estava baseada na realidade dos alunos: as palavras utilizadas no processo de alfabetização se baseavam no vocabulário do cotidiano e eram discutidas e colocadas no contexto social dos alunos, que eram levados a pensar nas questões relacionadas ao seu trabalho. A partir das palavras-base ou geradoras iam descobrindo novos termos, ampliando o vocabulário e se conscientizando de sua situação social e econômica. Altamente subversivo ao contexto político e econômico da época!

No nosso entender, o reconhecimento de seu método não se explica apenas por isso, mas, principalmente, porque Paulo Freire fala muito mais ao sentimento que à razão. Embora seus escritos se componham com coerência teórica e lógica, e deixem clara sua formação filosófica e antropológica, obtida em cursos

de graduação e pós-graduação, seu discurso pedagógico é dotado de grande carga afetiva e de empatia devida ao reconhecimento da situação social e econômica da classe trabalhadora, uma das razões pelas quais ele consegue atrair e mobilizar um grande número de pessoas e, ao mesmo tempo, atrair a repulsa de outras – uma minoria, felizmente.

Para Paulo Freire, o sonho e a utopia são fundamentais para o processo educativo: *a educação enquanto prática utópica*. E, como dissemos no início, é a utopia que mobiliza a ação das pessoas, dá força, foco e fé, e sobretudo esperança. Que carrega nossos sonhos rumo à realização. Daí, talvez, o fato de a proposta de Paulo Freire atingir as pessoas em seus desejos mais profundos, despertando a esperança e o estímulo para a busca, a mudança, a transformação. Como ainda nos lembra Maria Cecília Sanchez Teixeira (2000), é uma proposta que renova a fé na humanidade e na educação, que permite aos educadores transcenderem os limites do eu, identificando-se com ele – um educador por excelência.

Por isso tornou-se uma figura carismática. Mas, paradoxalmente, tornou-se odiado por alguns, na mesma proporção em que é amado por outros. Talvez devido à incompreensão da profunda crise epistemológica, com ressonância na política, em especial no campo da ideologia – e consequentemente da educação. Crise que busca incessantemente desfigurar, destruir sua imagem, resultando na progressiva racionalização do mito Paulo Freire. E que busca, também, encontrar “bodes expiatórios” para a própria incompetência em sair da rigidez de um pensamento fragmentado de quem o critica levianamente, por vezes sem nem mesmo conhecer sua obra.

Não obstante, como afirmamos cá neste texto, a utopia é da ordem do sentir. A ordem da razão é a ação. E ambas, quando se imbricam, dificilmente conseguem se curvar aos obstáculos que se apresentam. Essa é a lição que Paulo Freire nos deixou de herança, à qual sempre voltaremos quando o mundo parecer perdido.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. *À sombra desta mangueira*. São Paulo, Olho d'Água, 1995.
- FREIRE, P. “Educação: o sonho possível”, in C. R. Brandão et al. (orgs.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982, pp. 89-102.
- MAYOR, F. “Primeiras palavras”, in M. Gadotti (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo, Cortez, 1996, pp. 17-8.
- TEIXEIRA, M. C. S. *Discurso pedagógico, mito e ideologia: o imaginário de Paulo Freire e de Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro, Quartet, 2000.